

## Diversidade de uma cultura urbanística nacional\*

### Luiz Gustavo Sobral Fernandes

Arquiteto e urbanista, graduando em Geografia, mestrando na Universidade de São Paulo, Avenida Trabalhador São-Carlense, 400, Centro, CEP 13566-590, São Carlos, SP, Brasil, luiz.gustavo1992@hotmail.com

É seguro afirmar que os planos urbanísticos realizados para Brasília foram cobertos por uma grande cortina de fumaça durante várias décadas. Após a construção do Plano Piloto muitas das propostas realizadas para a nova capital permaneceram desconhecidas, sendo poucos os projetos publicados e menor ainda o número dos trabalhos desenvolvidos que faziam parte do repertório dos arquitetos e pesquisadores. A pretensão de um livro que apresente esses projetos<sup>1</sup> - elaborados entre 1927 e 1957 - busca iluminar uma lacuna na historiografia da arquitetura moderna brasileira: conhecer o quadro urbanístico que se formou ao redor da construção de Brasília é uma maneira de observar as diversidades arquitetônicas que fizeram o panorama da disciplina no Brasil, livre de interpretações superficiais e com a profundidade que um tema desta importância para a arquitetura moderna necessita.

As pesquisas mais recentes apresentam um recorte mais aprofundado das hipóteses realizadas ao longo dos anos para uma nova cidade capital. Em um primeiro momento observa-se que, ao contrário do que seria esperado, existem propostas desenvolvidas antes do famoso concurso elaborado pela Novacap em 1957. São trabalhos especulativos, sem localização exata e sem as diretrizes de uma solicitação formal ou edital de concurso, e que, portanto, identificam livremente possíveis necessidades urbanísticas nacionais - considerando unicamente a declaração da transferência da capital do Rio de Janeiro para o interior do País. Desse primeiro grupo, como o livro apresenta de forma praticamente inédita, constam cinco projetos de autores de áreas inusitadas: um autor desconhecido, um brasileiro, a engenheira Carmem Portinho, um deputado federal e um médico. Para além das

mais óbvias intenções de urbanismo, este primeiro grupo de projetos - que não consta a autoria de nenhum arquiteto de ofício, afirma (com exceção do projeto de Carmem Portinho) perspectivas imobiliárias especulativas. Esta é uma das várias dimensões que este livro abre ao debate da disciplina urbanística: parece ter se consolidado rapidamente um núcleo de empreendedores interessados na execução de uma nova cidade-capital, imaginando ganhos econômicos com a valorização fundiária desencadeada por sua construção. Em um período onde o desenvolvimentismo era a norma, e o Estado tinha grande força de intervenção pública, é percebida uma curiosa articulação privada de investimento.

Trabalhos elaborados, em um primeiro momento, como possíveis estudos para uma nova capital do País - especulações de investidores imobiliários ou de estudiosos do urbanismo - seriam abandonados pela criação de um concurso de projetos que versava escolher a melhor proposta urbanística. Possivelmente este seria o mais importante concurso de arquitetura já realizado no Brasil, concentrando grande parte dos mais importantes nomes que atuavam por aqui: mesmo com a ausência de Reidy e Burlle Marx (que ao que tudo indica não concordavam com os desdobramentos e com a forma de elaboração do concurso), era uma concorrência que contava com arquitetos já estabelecidos como Artigas e Cascaldi, Rino Levi, MMRoberto, Henrique Mindlin e Giancarlo Palanti e outros, que no momento ainda eram recém formados mas que se tornariam referência profissional nos anos seguintes como Jorge Wilhelm, Pedro Paulo Saraiva, Joaquim Guedes e Carlos Milan. A presença de empreiteiras e firmas de engenharia também não ficaria de fora desta possibilidade de

\* TAVARES, Jeferson. *Projetos para Brasília 1927-1957*. Brasília: Iphan, 2014.

<sup>1</sup> Milton Braga havia dado um passo inicial nessa direção, concebendo uma dissertação de mestrado que objetivava analisar os sete projetos premiados da Nova Capital. Aline Moraes Costa Braga ainda trabalha com um recorte ampliado, quando se propõe a avaliar os projetos enviados para o concurso. O trabalho de Jeferson Tavares amplia a discussão, considerando que recupera não apenas os trabalhos premiados, mas todos os projetos disponíveis realizados para Brasília (inclusive os anteriores ao concurso da Novacap).

projeto de grande porte - a empreitada de uma nova cidade devia apresentar a possibilidade de consideráveis ganhos financeiros, estando presente em grande quantidade nas inscrições do concurso.

A perda de muitos dos projetos enviados para a avaliação da comissão julgadora, bem como a não publicação de todo o material realizado acabou por não divulgar para o meio profissional as características das propostas desenvolvidas. Durante décadas ocorreu o esperado: associou-se, de forma equivocada, que os projetos realizados para o concurso de 1957 tinham vínculos unicamente com os CIAM e os princípios norteadores de um urbanismo de vertente modernista. A imagem pública do concurso ficou restrita a apenas alguns projetos, publicados isoladamente em revistas e livros especializados e jamais discutidos em toda a complexidade do conjunto. Uma análise mais aprofundada dos trabalhos submetidos subverte essa constatação. É curioso observar que a amostragem dos projetos realizados apresenta uma indiscutível variedade de referências urbanísticas - mesmo que um urbanismo de alinhamento com os CIAM seja mais recorrente. Em um primeiro plano é possível identificar alguns projetos com características vinculadas ao urbanismo acadêmico, onde o desenho orgânico e monumental das vias e a concepção urbanística geral se distancia de uma formulação urbana modernista. Algumas propostas conhecidas, como a de Rino Levi e a de MMRoberto, elaboram cidades próximas aos debates mais recorrentes internacionalmente na disciplina, porém reformulando-as de uma maneira inventiva: é bastante motivadora a ideia celular criada pelos irmãos Roberto, e os grandes edifícios criados por Rino Levi são uma aposta utópica de uma formulação moderna radical. A proposta de José Geraldo da Cunha Camargo, muito pouco divulgada, é de grande sensibilidade arquitetônica, fortemente influenciada por alguns dos temas debatidos no CIAM VIII (como a necessidade de uma cidade mais humana e sobre a necessidade dos encontros e convívios cotidianos). Este é um trabalho que vale um olhar mais atento, considerando o alinhamento que tinha com os mais atualizados debates que vinham sendo estabelecidos nos CIAM.

Em uma primeira análise podem-se tirar conclusões curiosas, apenas possíveis graças ao rico material gráfico e analítico disponibilizado pelo autor.

É impossível deixar de observar - e isso já fora bastante discutido em outros trabalhos - que os projetos diferem bastante quanto ao nível de detalhamento apresentado à comissão julgadora. O projeto vencedor, de Lucio Costa, sempre intrigou o público pela sua assustadora simplicidade: fora desenvolvido apenas em alguns cartões, com croquis a mão e sem a presença de consultores e outros colaboradores. É de se estranhar que um projeto com esse perfil, que não menciona ou prevê um plano de desenvolvimento regional para o centro do País tenha ganhado um concurso desta magnitude, principalmente quando se considera que este sempre foi um dos motivos principais que justificaram publicamente a transferência da capital.

Parte da historiografia da arquitetura moderna brasileira identifica o projeto de Brasília como o ápice do simbólico nacional desenvolvimentista, que escancararia as contradições e as fragilidades de uma modernização epidérmica. De fato, é de conhecimento público que Juscelino Kubitschek já havia feito junto com Niemeyer os projetos para a Pampulha, acontecimento que havia projetado o nome de ambos (para a história da arquitetura moderna e para a história da política brasileira). Para essa linha reflexiva, existiria uma perspectiva ideológica nessa vertente arquitetônica: uma forma de sedução popular por meio da arquitetura e, estes projetos, inadequados, importados e deslocados do contexto cultural brasileiro. O livro reforça isso quando apresenta os vários Planos Pilotos: a ausência de um projeto de desenvolvimento regional no trabalho de Lucio Costa seria uma informação fundamental para essa vertente historiográfica. Como aceitar um projeto síntese quando outros trabalhos de inegável qualidade urbanística tinham uma previsão de ocupação, mas menos capacidade simbólica e imagética? Do ponto de vista das necessidades nacionais, o concurso contou com muitas propostas precisas, com planos de desenvolvimento regional, de crescimento e de ordenação populacional. Foi uma declarada opção a escolha de uma cidade com grande potencial simbólico, mas carente de uma previsão mais aprofundada de ocupação e crescimento.

Por outro lado, é importante mencionar que o recorte apresentado reforça a ideia de que o projeto de uma nova capital foi maturada ao longo de várias décadas, jamais podendo ser associada à

imagem de apenas um político isolado, supostamente interessado em uma meta síntese de governo. A presença da necessidade de transferência para a nova capital em todas as constituições federais do Brasil desde 1891, as inúmeras expedições que foram realizadas para a seleção de uma área adequada para a instalação de uma nova cidade, os debates públicos sempre presentes entre os defensores da transferência e os que achavam mais adequado manter a capital no Rio de Janeiro e, mais importante, a existência de projetos anteriores ao famigerado concurso de 1957 permitem pensar Brasília não como um delírio desenvolvimentista, mas como um desejo público, maturado durante décadas e décadas no País. A consistência dos projetos apresentados - elogiados pela banca avaliadora - também desmente as narrativas que apresentariam a arquitetura moderna como uma imposição ou uma importação inadequada. São inegáveis as

qualidades dos projetos e a sintonia que os arquitetos brasileiros tinham com as mais variadas nuances do urbanismo, bem como a capacidade de reflexão crítica e a avaliação das experiências desenvolvidas mundo afora.

É sempre discutida a fragilidade da historiografia da arquitetura brasileira, uma área do conhecimento ainda muito embrionária do País (ainda que o desenvolvimento dos Programas de Pós Graduação venham contribuindo para reverter este quadro). É de se notar que Brasília foi um dos acontecimentos arquitetônicos mais importantes de todo o século XX e é assustador pensar que o material de um concurso desse porte permaneceu no ostracismo durante tantas décadas. Alguns livros e trabalhos tem o privilégio de abrir possibilidades de pesquisa e aprofundamentos teóricos e esta parece ser uma das maiores virtualidades desta recente publicação.

**Recebido** [Jul. 21, 2015]

**Aprovado** [Nov.02, 2015]